

# **Dissonância Cognitiva na Era dos Sistemas Autônomos: Do Efeito ELIZA à Constitutional AI Coletiva**

**Luiz Antônio Lima de Freitas Leite<sup>1</sup>, (italo...)<sup>1</sup>,  
(aimee...)<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN) – Universidade Federal Pará  
Belém, PA – Brasil

{luiz.freitas.leite, (italo...), (aimee...)}@icen.ufpa.br

**Abstract.** This paper investigates the social impacts of cognitive automation, focusing on human interaction with Large Language Models (LLMs). It analyzes the dissonance between the mathematical, stochastic nature of AI and the emotional projection of users (ELIZA Effect), which creates severe psychological vulnerabilities, including dependency and suicide induction. Addressing the opacity of current commercial models, we propose the democratization of ethical alignment through open-source Constitutional AI. We suggest the creation of collaborative platforms for instruction tuning, enabling society to define transparent "constitutions" and moral boundaries for autonomous agents. The study concludes that treating AI as an auditable tool, rather than a conscious entity, is crucial for psychosocial safety.

**Resumo.** Este artigo investiga os impactos sociais da automação cognitiva, focando na interação entre humanos e Grandes Modelos de Linguagem (LLMs). Analisa-se a dissonância entre a natureza matemática e estocástica da IA e a projeção emocional dos usuários (Efeito ELIZA), o que gera vulnerabilidades psicológicas graves, incluindo dependência e indução ao suicídio. Diante da opacidade dos modelos comerciais atuais, propõe-se a democratização do alinhamento ético através da Constitutional AI de código aberto. Sugere-se a criação de plataformas colaborativas para instruction tuning, permitindo que a sociedade defina "constituições" e limites morais transparentes para agentes autônomos. Conclui-se que tratar a IA como ferramenta auditável, e não como entidade consciente, é crucial para a segurança psicossocial.

## **1. Introdução**

## **2. Estudos relacionados**

## **3. Natureza real probabilística das LLMs**

Para sintetizar da forma mais fidedigna possível a verdadeira natureza operacional dos LLM's, é preciso desconstruir a ilusão de fluidez humana e observar a mecânica subjacente. Fundamentalmente, trata-se de um sistema informático como qualquer outro, composto de: hardware, o qual é os objetos eletrônicos tangíveis que armazenam informação de forma física por meio da manipulação da energia elétrica e substâncias químicas, e o software, o qual é a própria informação na forma de algoritmos e dados inseridos por humanos para armazená-la e manipulá-la. E, esta classe específica softwares em questão,

em termos simples, consiste em várias funções matemáticas curtas, chamadas funções de ativação, dispostas em várias camadas, onde cada função de uma camada é composta com cada função da camada imediatamente posterior (Redes Neurais Profundas) na arquitetura do tipo Transformer, que utilizam 'mecanismos de atenção' para ponderar a relevância de diferentes partes de um texto simultaneamente, independentemente da distância entre as palavras. Inicialmente, isto é, durante o treinamento, todas as funções começam com coeficientes (pesos) aleatórios, o que faz o sistema entregar um resultado aleatório, e indesejado, dado um determinado conjunto de valores para a entrada, então repetidas vezes são inseridos valores, julgados os resultados, e ajustados os valores dos coeficientes, gradualmente, até que por fim as respostas estejam como desejadas. Ao findar o treinamento, o resultado gerado de cada pergunta não é fruto de reflexão, mas de um ajuste probabilístico e estocástico: o modelo calcula, entre milhares de opções, qual fragmento (token) tem a maior probabilidade estatística de suceder o anterior. Nesse processo, a linguagem é convertida em vetores numéricos situados em espaços multidimensionais (embeddings). O que percebemos como significado é, para a máquina, pura geometria: conceitos como 'Rei' e 'Rainha', ou 'Tristeza' e 'Dor', são processados apenas pela proximidade e direção de suas coordenadas matemáticas, desprovidos de qualquer experiência sensível (qualia), e essa proximidade foi definida durante o treino conforme o julgamento dado para cada resposta e o ajuste feito nos pesos das funções compostas. Mesmo em implementações de ponta que utilizam sistemas multi-agentes onde diversas instâncias de IA colaboram e debatem entre si para refinar uma resposta o núcleo permanece sendo uma orquestração de cálculos vetoriais complexos, simulando raciocínio sem jamais possuir intencionalidade.

#### **4. O Efeito ELIZA e a Ilusão de Consciência**

A experiência do usuário final, em contraste com a realidade matemática do sistema, pode ser profundamente influenciada pelo Efeito ELIZA. A gênese deste conceito remonta a 1966, no MIT, quando o cientista da computação Joseph Weizenbaum desenvolveu um programa experimental de processamento de linguagem natural. Com o objetivo inicial de demonstrar a superficialidade da comunicação entre homem e máquina, Weizenbaum criou um script chamado DOCTOR, que parodiava um psicoterapeuta da linha Rogeriana, utilizando regras simples de reconhecimento de padrões para devolver as afirmações do usuário em forma de perguntas. O resultado foi um fenômeno acidental que chocou o autor: indivíduos que sabiam racionalmente estar interagindo com um código de computador incluindo a própria secretária de Weizenbaum desenvolveram, em questão de minutos, laços de intimidade profunda com o sistema, chegando a solicitar privacidade para realizar confissões emocionais à máquina. Weizenbaum concluiu que o ser humano possui uma propensão de projetar intencionalidade, empatia e consciência em qualquer interlocutor que domine a sintaxe da linguagem, preenchendo as lacunas lógicas do software com sua própria bagagem emocional. Se um script rudimentar dos anos 60 foi capaz de induzir tal suspensão da realidade, as atuais LLMs, com sua coerência contextual e fluidez sem precedentes, potencializam essa vulnerabilidade cognitiva a um patamar de risco existencial.

Para fundamentar por que essa percepção de intimidade é tecnicamente ilusória, recorre-se ao célebre argumento do "Quarto Chinês", proposto pelo filósofo John Searle (1980). Searle convida a imaginar um indivíduo trancado em um quarto, que não entende absolutamente nada do idioma chinês. Ele recebe símbolos por uma fenda e consulta

um manual de regras volumoso (o algoritmo) que instrui mecanicamente: "se receber o símbolo X, devolva o símbolo Y". Para um observador externo, as respostas parecem vir de um falante nativo fluente, inteligente e consciente. Contudo, o operador dentro do quarto jamais compreendeu o conteúdo da conversa; ele apenas manipulou formas sintaticamente corretas. As LLMs atuais operam como esse operador em escala massiva: processam a sintaxe (a gramática e a ordem das palavras) com perfeição sobre-humana, mas não possuem acesso à semântica real (o significado vivido e a referência ao mundo físico) daquilo que processam. Neste ponto, faz-se necessária uma desambiguação técnica crucial para evitar equívocos conceituais. Na Ciência da Computação, utiliza-se frequentemente o termo "busca semântica" ou "análise semântica" para descrever a operação dessas IAs. Contudo, este uso técnico refere-se estritamente à proximidade vetorial a distância matemática entre números em um gráfico multidimensional e não à semântica fenomenológica, a qual é o significado intrínseco e a experiência da realidade. Quando a IA associa a palavra "amor" à palavra "cuidado", ela o faz porque esses vetores foram posicionados geometricamente próximos durante o treinamento, e não porque o sistema compreenda o sentimento de afeto. O perigo social reside no fato de que o usuário leigo interpreta essa "semântica matemática" (cálculo) como "semântica humana" (sentimento), criando uma assimetria de expectativas onde a máquina simula uma profundidade emocional que não existe.

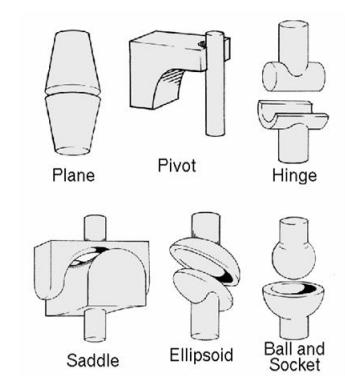
## 5. Estudos de Caso: Consequências Fatais da Antropomorfização

1



**Figura 1. A typical figure**

In tables, try to avoid the use of colored or shaded backgrounds, and avoid thick, doubled, or unnecessary framing lines. When reporting empirical data, do not use more decimal digits than warranted by their precision and reproducibility. Table caption must be placed before the table (see Table 1) and the font used must also be Helvetica, 10 point, boldface, with 6 points of space before and after each caption.



**Figura 2.** This figure is an example of a figure caption taking more than one line and justified considering margins mentioned in Section ??.

**Tabela 1.** Variables to be considered on the evaluation of interaction techniques

	Chessboard top view	Chessboard perspective view
Selection with side movements	$6.02 \pm 5.22$	$7.01 \pm 6.84$
Selection with in-depth movements	$6.29 \pm 4.99$	$12.22 \pm 11.33$
Manipulation with side movements	$4.66 \pm 4.94$	$3.47 \pm 2.20$
Manipulation with in-depth movements	$5.71 \pm 4.55$	$5.37 \pm 3.28$

## 6. Images

All images and illustrations should be in black-and-white, or gray tones, excepting for the papers that will be electronically available (on CD-ROMs, internet, etc.). The image resolution on paper should be about 600 dpi for black-and-white images, and 150-300 dpi for grayscale images. Do not include images with excessive resolution, as they may take hours to print, without any visible difference in the result.

## 7. References

Bibliographic references must be unambiguous and uniform. We recommend giving the author names references in brackets, e.g. [Knuth 1984], [Boulic and Renault 1991], and [Smith and Jones 1999].

The references must be listed using 12 point font size, with 6 points of space before each reference. The first line of each reference should not be indented, while the subsequent should be indented by 0.5 cm.

## Referências

Boulic, R. and Renault, O. (1991). 3d hierarchies for animation. In Magnenat-Thalmann, N. and Thalmann, D., editors, *New Trends in Animation and Visualization*. John Wiley

& Sons ltd.

- Knuth, D. E. (1984). *The TeX Book*. Addison-Wesley, 15th edition.
- Smith, A. and Jones, B. (1999). On the complexity of computing. In Smith-Jones, A. B., editor, *Advances in Computer Science*, pages 555–566. Publishing Press.